

Devemos exigir um fim à ordem social que levou ao assassinato de George Floyd

Quando uma população já sofrida, despossuída e enfurecida implora por justiça e recebe mais repressão e desrespeito, as coisas tendem a explodir.

No século XVIII, o rei Luís XVI, da França, ameaçou usar o exército para subjugar a agitação entre os diversos grupos enfurecidos com sua proposta de imposto fundiário. Essa resposta saiu pela culatra. Combinados com o descontentamento generalizado e a fome, os protestos rapidamente foram além da raiva contra o imposto e se transformaram na Revolução Francesa de 1789. Em poucos anos, as chamas da Revolução varreram a monarquia do Bourbon e seu rei morreu na guilhotina.

No início de 1917, o czar russo chamou o exército para reprimir os protestos das mulheres operárias grevistas que exigiam pão, mas isso só inflamou os manifestantes famintos e encorajou a revolta em todo o país. No final de 1918, o czar Nicolau II foi executado nas mãos do novo governo soviético.

A última grande greve geral dos EUA atingiu Oakland em 1946, depois que a polícia atacou violentamente para quebrar o piquete dos trabalhadores de uma loja de departamentos. Em meio ao alto desemprego e inflação, os caminhoneiros e operadores de bondes de Oakland, que ficaram indignados com a violência patrocinada pelo estado, ajudaram a espalhar a greve por toda a cidade.

Quando as condições de vida são ruins o suficiente para um número suficiente de pessoas, a resposta do governo às exigências razoáveis dos manifestantes, por mais locais ou limitadas que sejam, pode causar um enorme e inesperado

ultraje – ultraje que então alimenta protestos muito mais amplos para exigências muito mais radicais. Isto é exatamente o que temos visto nas ruas de todos os Estados Unidos desde o assassinato policial de George Floyd em Minneapolis, na semana passada.

Mesmo antes do assassinato de Floyd, milhões de trabalhadores estavam sofrendo sob a pior pandemia em um século. A polícia continuou a matar os negros impunemente. Os super ricos ficaram cada vez mais ricos: Os bilionários americanos acumularam mais 434 bilhões de dólares desde que a pandemia começou, elevando sua riqueza total para mais de 3,3 trilhões de dólares – mais do que a riqueza de 60% dos americanos juntos. Nosso sistema imigratório continuou a ser caracterizado por horrores intermináveis. Em retrospectiva, não deveria ter sido surpresa que a raiva fervilhando logo abaixo da superfície sobre todas essas questões tenha explodido uma vez que recebeu um catalisador, na forma de um vídeo de um flagrante assassinato praticado por um policial branco contra um homem negro desarmado.

Após dez dias de protestos em mais de cem cidades, as reivindicações dos manifestantes aumentaram. Essas demandas incluem, com razão, o fim do policiamento racista e militarizado. Devemos também exigir uma resposta centrada no trabalhador para a crise econômica e sanitária da Covid-19, que está matando milhares. Todas essas crises estão ligadas à esmagadora injustiça econômica da ordem social que a polícia está encarregada de defender. Para vencer, é preciso enfrentar essa ordem social de frente.

Desfinanciar a polícia e investir em nossas vidas

No início, a indignação se concentrou na acusação do assassino de George Floyd, o policial de Minneapolis Derek Chauvin, e seus três cúmplices. Chauvin acabou sendo acusado de assassinato em terceiro grau, o que significaria que os promotores acreditam que Chauvin não “pretendia” matar Floyd,

mesmo que Chauvin tenha se ajoelhado no pescoço de Floyd por oito minutos e mesmo que Floyd tenha repetidamente susurrado as palavras “Não consigo respirar”. Isso mudou com o anúncio de ontem de que Chauvin seria acusado de homicídio em segundo grau e os outros três oficiais também enfrentariam acusações. Mas é claro que Chauvin deveria ser acusado de assassinato de primeiro grau. E assassinatos policiais recentes e semelhantes ainda ficaram impunes: Os assassinos de Breonna Taylor na polícia de Louisville, que invadiram a casa da funcionária de saúde de 26 anos e a alvejaram oito vezes.

Floyd é um dos incontáveis negros americanos desarmados assassinados a sangue frio pela polícia durante a última década. Alguns desses assassinatos, especialmente quando são capturados em vídeos de celulares e se tornam virais, têm incitado protestos em todo o país. Mas a escala dos protestos e o horrível grau de repressão policial contra os manifestantes desde a semana passada levou a exigências mais ambiciosas – mais importante ainda, a exigência de reduzir drasticamente os orçamentos inchados da polícia que canalizam enormes quantidades de recursos para a brutalidade policial e o encarceramento, em vez de atender às necessidades humanas.

Oakland, onde vivo, gasta 41% de seu orçamento no policiamento enquanto, mesmo antes do coronavírus, milhares dormem na rua, escolas públicas são criminalmente subfinanciadas, e crianças pardas e negras em bairros pobres têm taxas de envenenamento piores do que Flint, Michigan. Enquanto isso, a polícia tem se envolvido em inúmeros assassinatos e escândalos, inclusive participando de uma rede multi-agência de tráfico sexual envolvendo menores.

Nos últimos cinquenta anos, as cidades americanas sofreram grandes cortes no orçamento, os sindicatos foram dizimados, os trabalhadores perderam empregos e moradias populares, nossa infra-estrutura essencial desmoronou, a pobreza e os sem-teto dispararam. Mas os governos municipais e estaduais, com apoio federal, voltaram-se para o policiamento e as prisões para

controlar violentamente os desempregados e os pobres – especialmente os negros e pardos, mas também os brancos – em vez de fornecer empregos e recursos para tirá-los da pobreza.

A maioria das cidades agora tem uma força policial cara e militarizada que brutaliza os pobres com impunidade. Acrescente-se a isso a aparente radicalização da polícia de direita em todo o país – que apodrece nas teorias de conspiração da Fox News e pensa que está travando uma guerra contra uma milícia armada de esquerda – e obtemos o atual reinado de terror policial em resposta a protestos pacíficos.

Enquanto a polícia está mirando nos manifestantes negros com muito mais violência, sua violência contra manifestantes brancos, jornalistas e espectadores aleatórios é um lembrete, para os brancos que pensam que a questão não os afeta, do aviso de Keeanga-Yamahtta Taylor: “De longe, os afro-americanos sofrem mais com o trauma da força bruta do sistema de justiça criminal americano, mas o caráter difundido da política de lei e ordem significa que os brancos também ficam presos em sua teia”.

Por isso é bom ver a demanda em inúmeros sinais de protesto em todos os lugares para “desfinanciar a polícia”. Cortar os orçamentos da polícia vai realmente reduzir o poder policial nas ruas e na política, ao contrário de ajustes processuais liberais como a nova campanha #8Can'tWait a ser promovida por DeRay McKesson, Oprah, e outras celebridades.

A demanda para desfinanciar a polícia é também um chamado para descriminalizar a pobreza e reinvestir os recursos de nossa sociedade em bens e serviços humanos e socialmente úteis como escolas, habitação, saúde, transporte e infra-estrutura de energia renovável. Como os militares e a polícia mobilizam um bloqueio quase nacional com instalações de encenação maciça e bilhões incontáveis em equipamentos, comparações virais de enfermeiros usando sacos de lixo deixam claro que nossa sociedade tem a capacidade material, mas não a vontade

política, para lidar com uma pandemia de forma compassiva e eficaz.

A demanda para desfinanciar a polícia e financiar outros serviços tem o potencial de unificar um movimento mais amplo neste momento crucial. Ativistas que lutam por todo tipo de demanda econômica podem ver claramente como seu sucesso depende do sucesso do movimento contra a violência policial racista. Esse tipo de unidade em escala nacional será imprescindível para construir a energia das duas campanhas de Bernie Sanders e um movimento trabalhista renascido para travar uma luta unida contra o fascismo policial e a resposta desumana do nosso governo à COVID-19.

Fim do toque de recolher e retomada das ruas

Orçamentos policiais inchados são sempre um veneno para as cidades americanas. Mas a recente onda de toques de recolher obrigatórios, que a polícia está usando para limpar as ruas tanto de vândalos como de manifestantes pacíficos, também deve ser vigorosamente combatida. A esquerda aprendeu, como disse Alex Vitale: “Nenhum verdadeiro movimento progressista pode florescer em um estado policial”.

No total, dezenas de milhões de americanos estão agora sob toque de recolher pela primeira vez em décadas. Enquanto a polícia e os funcionários públicos de ambos os partidos afirmam que esses toques de recolher são do interesse da prevenção da violência e da destruição de propriedade, os principais instigadores da violência são evidentemente a própria polícia. Ao ceder as ruas de nossas cidades à polícia violenta e aos justiceiros brancos, os políticos não só estão jogando fora nossa liberdade de participar de protestos públicos, mas também sancionando o terror e a repressão inconstitucionais em nome da “lei e da ordem”. Esses toques de recolher destacam a assustadora corrente de extrema direita ou mesmo pró-fascista nos Estados Unidos, incluindo policiais hasteando a bandeira da Thin Blue Line e o próprio Presidente

Trump.

Ainda assim, os Estados Unidos não estão neste momento descendo ao fascismo real, e apesar da brutalidade nas ruas, muita coisa está acontecendo que na verdade é bastante animadora.

Primeiro porque os protestos têm sido notavelmente multirraciais, algo que nem sempre tem sido o caso nos movimentos de protesto. Segundo, o fato de a maioria dos americanos apoiar os protestos em andamento é reconfortante. Uma maioria chega a dizer que a queima da 3ª Delegacia de Polícia de Minneapolis foi justificada. Isto dá continuidade à tendência dos protestos do Black Lives Matter de cinco anos atrás: grandes protestos em resposta aos assassinatos policiais conquistaram a maioria do público para a perspectiva dos manifestantes de que o racismo e a violência policial são grandes problemas.

Ainda assim, nem tudo está bem – não apenas com as ações da polícia nas ruas, mas também com prefeitos e governadores democratas que legitimam o terror policial com suas bainhas e gavetas sobre responsabilidade individual e “agitadores externos”.

Por isso, é animador que os manifestantes de Oakland a Nova York não hesitem em exigir o fim do toque de recolher da polícia, mesmo arriscando a violência e a prisão para desafiá-los.

Finalmente, os ativistas têm razão em pedir a renúncia não só do Trump, mas de todos os prefeitos democratas “liberais” e outros funcionários públicos que permitiram que a polícia usasse o toque de recolher como pretexto para brutalizar protestos pacíficos. Os democratas têm permitido que a repressão extrema e inconstitucional se torne o “centro” bipartidário aceitável da política norte-americana; temos que mudar isso.

Resposta e recuperação da COVID-19 centrada no trabalhador

Os recentes assassinatos policiais e crackdowns vêm somar-se à cruel inação e exploração que definem a resposta de nosso país ao coronavírus. Com 100.000 mortos e 30 milhões de desempregados – e com os negros norte-americanos drasticamente super-representados nestes dois grupos – os bilionários estão usando a crise para saquear trabalhadores, bairros e o setor público. O próprio George Floyd estava desempregado devido à pandemia e à procura de trabalho em Minneapolis, quando foi acusado de falsificação.

Chris Brooks escreve em Labor Notes que os empregadores estão fazendo lobby para uma reabertura mortal da economia porque eles estão lucrando enormemente. Nosso governo não montou os sistemas necessários para uma reabertura segura, como testes, rastreamento de contatos e um aumento maciço dos gastos com saúde e outros serviços. Mas os bilionários já estão empurrando os governos para “baixar os impostos e estripar os serviços, apesar das evidências gritantes, reveladas pela pandemia, de que precisamos de mais governo, não menos”. O princípio deles é: “Recuperação para mim, pobreza para ti”.

Para os negros americanos durante a pandemia, a pobreza e o racismo se combinaram horripelantemente. “A mortalidade negra da COVID-19 é mais de 3,5 vezes maior do que para os brancos por causa da pobreza, da poluição, da falta de seguro de saúde, das habitações lotadas e do transporte”, escreve Brooks em The Call, “e o fato de que uma porcentagem tão alta de trabalhadores essenciais são pessoas de cor”. Um em cada 2.000 negros americanos morreu dessa pandemia”.

Enquanto isso, David Sirota explica que ao mesmo tempo em que a NYPD está brutalizando os manifestantes, o governador de Nova York Andrew Cuomo “concedeu imunidade legal aos executivos de saúde por suas decisões maximizadoras de lucro que podem ter contribuído para a morte de milhares de pessoas em lares de idosos durante a pandemia do coronavírus”.

Os Estados Unidos há muito tempo deveriam ter uma resposta séria e centrada no trabalhador para a pandemia e para a crise econômica que ela provocou. Os impactos na saúde e na economia são muito piores nos Estados Unidos devido à extrema austeridade – com exceção dos inchados orçamentos policiais e militares – dos últimos cinquenta anos. Os manifestantes têm que exigir que invertamos isso.

Lutando para vencer

Embora não estejamos caminhando para uma revolução ao estilo de 1789, os ativistas estão permanecendo nas ruas diante da escalada da violência e exigindo soluções para as crises profundas que os trabalhadores enfrentam. A história nos ensina que os eventos podem se mover a uma velocidade vertiginosa em tais tempos. Ensina-nos também que podemos vencer.

Mesmo que os protestos de rua diminuam nas próximas semanas, nenhuma dessas demandas se tornará irrelevante a qualquer momento. Para manter a dinâmica, os ativistas terão que manter o foco em demandas claras, como a de desfinanciar a polícia. Precisamos construir organizações amplas, multirraciais e democráticas que possam ancorar esse movimento por muito tempo, enquanto inovam táticas de protesto que podem funcionar em escala durante o distanciamento social.

Os ativistas sindicais de esquerda devem se organizar com seus colegas de trabalho para chamar o movimento dos trabalhadores a defender as reivindicações dos manifestantes, e os trabalhadores devem tomar medidas diretas para apoiar os protestos sempre que possível. Como escreve Paul Heideman, “enfraquecer significativamente a polícia exigirá uma tremenda quantidade de poder social”, e trabalhadores organizados realizando persistente “coerção não violenta contra o capital e o Estado” são essenciais para que um movimento de esquerda construa esse poder.

Trabalhadores de trânsito e do setor de alimentação já fizeram greves em várias cidades para impedir a repressão policial, e greves de solidariedade que não estão diretamente relacionadas à polícia ou a protestos ainda podem reforçar o movimento e pressionar capitalistas e políticos a fazer concessões. Os sindicatos policiais deveriam, no mínimo, ser expulsos dos conselhos de trabalho conjuntos e isolados do restante do movimento de trabalhadores.

Os eleitos de esquerda deveriam ser pressionados a se manifestar em apoio ao movimento e, ao mesmo tempo, introduzir legislação que canalize as demandas do movimento. Incrivelmente, essa demanda já está sendo impulsionada em Nova York, Los Angeles, Chicago e Oakland. Os democratas que estão ao lado da polícia ou aceitam suas contribuições para a campanha devem ser isolados.

Os socialistas também têm o dever, parafraseando o recente apelo de Mike Davis à ação, de garantir que a base de ativistas desmobilizados após a campanha de Sanders seja reativada para lutar pela retomada de nossas ruas da polícia violenta e por uma resposta ao coronavírus centrada no trabalhador. “Precisamos mostrar-lhes que existe uma campanha – a partir das eleições de novembro – que convoca milhares de organizadores e voluntários dedicados”. Há uma oportunidade de “colocar fogo verdadeiro de volta no coração da solidariedade” agora mesmo, e devemos aproveitá-la.

Enquanto não estamos prontos para essa revolta, a esquerda tem que apoiar o seu crescimento e consolidação. A justiça e a democracia dependem disso.

Via [Jacobin Magazine](#)